

**DIVINUM OPUS EST SEDARE DOLOREM (\*)**

AP 2153

É obra divina acalmar a dor A primeira anestesia foi realizada pelo nosso Criador, quando fez Adão adormecer para retirar-lhe uma costela. Lê-se em Gênesis — Cap. II — Vs. 21 “Fez então Javé Deus cair sobre o homem um sono profundo, e este adormeceu. Tirou-lhe uma costela e fechou de novo a carne em seu lugar”. Estas palavras da Bíblia caracterizam perfeitamente uma intervenção cirúrgica realizada sob anestesia geral. O sono profundo a que foi submetido Adão está na linha da imagem de Deus — anestesista que predispõe o paciente à operação.

Porém, quando o Senhor expulsou Adão do Paraíso, além de impor-lhe o castigo da Dor, não ensinou como aliviá-la: “obterás pão com o suor do teu rosto e tu o comerás na dor todos os dias de tua vida”. E à Eva sentenciou:” tornarei penosa tua gravidez, e entre penas darás à luz teus filhos”.

Portanto, nada existe de mais velho, mais conhecido e mais provado na face da terra do que essa desagradável sensação indefinida e indefinível, a que chamamos — Dor.

A supressão da dor cirúrgica, foi um velho tabu que desafiou os séculos e as gerações, sem encontrar forças humanas capazes de rompê-lo.

---

(\*) Palavras pronunciadas na abertura do XIX Congresso Brasileiro de Anestesiologia, Novembro de 1972, Fortaleza, Ceará.

William Thomas Green Morton, um americano simples e pobre, um modesto dentista e estudante de Medicina, um predestinado à glória, foi o herói dessa façanha inaudita, que mudou o rumo da ciência médica, abrindo um horizonte infinito para a cirurgia.

A anestesiologia oferece uma peculiaridade verdadeiramente única entre todas as especialidades médicas, que é o fato de podermos precisar exatamente o dia, hora e local onde teve início.

Podemos afirmar com segurança absoluta quando foi realizada a primeira demonstração oficial e bem sucedida de anestesia geral na história da medicina.

Na tarde do dia 30 de setembro de 1846, um professor de música chamado Eben Frost procurou para uma extração de um dente o consultório de um jovem dentista na Rua Tremont Row em Boston. A operação em si, tornou-se extraordinária por uma razão — realizou-se completamente sem dor.

Havia séculos que cirurgia era sinônimo de dor, apesar do emprego popular de ópio, álcool ou anestesia por pressão. E embora o éter tenha sido descoberto por Valerius Cordus em 1546, não se teve conhecimento de sua potencialidade durante 300 anos, até que um dentista na Nova Inglaterra provasse que a inalação dos vapores do éter sulfúrico puro produzia a perda total da sensibilidade.

Em 1844, Morton mais uma vez recomeçava seus estudos médicos e uma de suas primeiras experiências, que o deixou profundamente chocado, foi assistir ao sofrimento de um paciente que se submetera à amputação da perna. O ato cirúrgico foi uma tortura atroz, mesmo com a habilidade e a rapidez de um cirurgião famoso como o Dr. John Collins Warren, que realizou a operação em um minuto e quarenta e cinco segundos. Parece que o impacto emocional causado por essa cena, influiu na decisão de Morton de pesquisar a fundo o problema da dor cirúrgica.

Nessa mesma época, enquanto Morton trabalhava com éter, o seu colega e amigo Dr. Horace Wells, de Hartford, julgava ter encontrado um agente que vencia a dor. Wells observara os efeitos do "gás hilariante" num espetáculo de teatro. Depois de alguns sucessos em cirurgias dentais, drenagem de abscessos e outras pequenas operações, em 1845 foi a Boston e persuadiu o Dr. Warren a deixá-lo tentar uma demonstração. Mas a sorte não protegeu Wells, sua experiência falhou e ele foi levado ao ridículo pela platéia. Deixou Boston e não tentou mais impor a sua descoberta. Embora estivesse empregado um excelente agente anestésico, por falhas de ordem técnica não conseguiu êxito.

O fracasso de Wells, em vez de desencorajar, serviu de estímulo.

Morton já ouvira falar das alegres bebedeiras dos estudantes de medicina por inalação de éter, e lera antigas referências em texto médicos prevenindo contra os riscos de estupefação e até de morte por inalação dessa substância.

Depois de exaustivas experiências em animais, a curiosidade científica de Morton levou-o a duas conclusões: que era necessário éter sulfúrico puro para se obter anestesia, e que o método de inalar os vapores provavelmente influa nos feitos.

Expôs suas teorias ao Prof. Charles Jackson, notável químico, médico e geologista da Escola de Medicina de Boston, e obteve sua aprovação e orientação.

Finalmente, decidiu voltar à auto-experimentação. Por duas vezes inalou profundamente o éter em que embebera um lenço e das duas vezes obteve o mesmo resultado promissor. Em vez da "euforia do éter" estupefação ou morte, Morton induzira inconsciência total. Quando começou a obnubilação estava ainda bastante alerta para perceber a total ausência de sensação física. Controlando a hora logo depois, observou que o fenômeno durara cerca de oito minutos e concluiu — "o tempo suficiente para que um cirurgião realizasse uma operação".

Depois da experiência histórica com Eben Frost em setembro de 1846, Morton persuadiu o Dr. Warren a experimentar o éter durante uma operação no Hospital Geral de Massachusetts. Preparando-se para a demonstração, Morton trabalhou dia e noite com um fabricante de instrumentos, no aperfeiçoamento de um inalador que pudesse assegurar liberação eficaz de éter.

Tudo estava pronto na manhã do dia 16 de outubro, quando Morton foi chamado a administrar seu anestésico. As galerias do anfiteatro estavam repletas de estudantes de medicina e de cirurgiões da mais alta reputação. Até Eben Frost foi chamado para encorajar o paciente Gilbert Abbott que ia sofrer a remoção de um tumor do lado esquerdo da mandíbula.

Morton apresentou o inalador e fez o paciente aspirar os vapores de éter. Quando achou suficiente, fez sinal ao Dr. Warren para iniciar a operação. Quando o cirurgião cortou a pele todos ficaram espantados pelo "grito de dor" que não ocorreu. O paciente estava inconsciente, a operação realizou-se sem dor e Warren proclamou o êxito com estas simples palavras: "senhores, não se trata de nenhum embuste".

A ciência vencido e o médico tinha adquirido o “poder divino” de eliminar a dor!

Sentimo-nos na obrigação de prestar uma homenagem ao primeiro anestesista do Ceará. No ano seguinte, em 1847 Liberato de Castro Carreira praticava uma amputação de perna com anestesia etérea e, em seu relatório, lê-se: “um minuto talvez não teria ainda decorrido e o indivíduo que começara a fruir os belos vapores (chama-lhes belos pelas sensações agradáveis que dizem produzir / já entrava em sono anestésico”.

Liberato de Castro Carreira, cearense de Aracati onde nasceu em 1820, era filho de cirurgião-mor Luiz da Silva Carreira. Deixou a prática médica e abraçou a carreira política, chegando a Senador do Império. Conceituado como financista, escreveu, já na República, um estudo clássico sobre história financeira do Império Brasileiro. Em Fortaleza a Praça Castro Carreira tem o seu nome como ao político, senador financista.

DR. HELI VIEIRA DE SOUZA, E.A.